CONTOS PARA CRIANÇA NA REPÚBLICA CENTRO-AFRICANA E NO BRASIL: UMA LEITURA DIALOGADA

Autores: Fábio Rodrigues da Silva; Roberto Barbosa Costa Filho; Orientadora: Dra. Josilene Pinheiro-Mariz

Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, rodrigues_fabinho@hotmail.com
Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, costafrob@gmail.com
Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, jsmariz22@hotmail.com

Resumo: Através da tradição oral, de caráter hereditário, as narrativas são usadas como meio de resistência da cultural local e como meio da preservação de costumes e crenças, além de, evidentemente, constituir-se em um importante espaço para diálogos entre gerações. No contexto das sociedades africanas, algumas dessas narrativas são utilizadas como ferramenta pedagógica para transmissão de heranças culturais para o público infantil, possuindo marcas lúdicas e alegóricas que representam o mundo que o cerca e auxiliam na sua percepção. No nosso país, historicamente, pode-se dizer que há um movimento semelhante, sobretudo quando se pensa na realidade das comunidades indígenas que, antes mesmo de o Brasil Colônia, sempre possuiu suas próprias narrativas, marcando de modo particular o povo indígena, ganhando características semelhantes ao que ocorre nas Áfricas. Nesse sentido, o presente trabalho tem por objetivo analisar e comparar versões do conto *O sol e a lua* (1989), por se tratar de uma narrativa curta que explicaria a razão de os dois astros naturais ocuparem sempre momentos distintos, observando como essa história se constrói nas narrativas, identificando-se quais os recursos estilísticos que são utilizados para se configurarem como história para crianças, dando suporte ao seu desenvolvimento e na assimilação de mundo. Para tanto, utilizamos uma versão africana do conto, retirado do livro *Contes de l'Afrique Centrale* organizado pela *Agence de Coopération Culturalle et Technique* (principal organização intergovernamental da francofonia), e outra versão indígena brasileira da mesma história (RECANTO DAS LETRAS, 2018)Para as nossas reflexões sobre a noção de oralização das literaturas africanas, baseamo-nos em Leite (2012) e em Freitas (2010); no que diz respeito ao diálogo entre culturas, encontramos em Jullien (2009), as bases que ancoram as nossas ponderações e ainda em Bauman (2012) e Hall (2006) identificamos o suporte necessário para se pensar as questões de cultura. Assim, o nosso percurso nos leva a identificar a literatura de tradição oral africana muito próxima semelhante às nossas raízes na nossa tradição literária que tem uma forte marca indígena, como nos assinala Câmara Cascudo (2014).

Palavras-chave: Contos para criança, o Sol e a Lua, República Centro-Africana, Brasil.

1. INTRODUÇÃO

Através da tradição oral, de caráter hereditário, as narrativas são usadas como meio de resistência da cultura local e como meio da preservação de costumes e crenças, além de, evidentemente, constituir-se em um importante espaço para diálogos entre gerações. Azevedo (2007) elenca algumas características que compõem as narrativas orais, entre elas: 1) serem assumidamente de ficção (ao contrário seriam "causos"); 2) trazem, muitas vezes, o elemento maravilhoso como constitutivo; 3) não costumam acontecer num tempo-espaço determinado, mas em circunstâncias anteriores e desconhecidas.

Dessa forma, algumas dessas narrativas são utilizadas como ferramenta pedagógica para transmissão de heranças culturais, incluindo para o público infantil, o que se justifica pela composição narrativa descrita por Azevedo (2007). Tais narrativas também possuem marcas lúdicas e alegóricas que representam o(s) mundo(s) e auxiliam na sua percepção, através da ficção.

No nosso país, historicamente, pode-se dizer que há um movimento situado nesse viés, sobretudo quando se pensa na realidade das comunidades indígenas que, antes mesmo de o Brasil Colônia, sempre possuiu suas próprias narrativas, marcando de modo particular o povo indígena. Elas eram/são usadas como registro para assegurar a continuidade do comportamento da comunidade, mantendo as raízes culturais e históricas da mesma.

Essa realidade não é particular somente da nossa cultura, mas adjacente a toda civilização que tem como raiz o uso da oralidade como auxílio para a resistência das identidades local. Nessa perspectiva, Eulálio (2016) ratifica que independentemente do nível de intelectualidade da pessoa, ela tem cultura. Como acepção cultural, ou seja, como "comportamento implícito que rege as mais diversas áreas da nossa sociedade" (EULÁLIO, 2016, p. 20), cada povo possui seu modo de ensinar dentro de seus costumes e hábitos.

Nas Áfricas, por exemplo, verifica-se, ainda hoje, a permanência e resistência muito demarcadas da cultura oral. Como lembra Freitas (2010), na sociedade africana, "a oralidade não é somente o fato de se expressar oralmente, é uma escolha cultural para assegurar a perenidade do patrimônio verbal de certas sociedades das quais, sabe-se, ele é um fator essencial da consciência identitária" (FREITAS, 2010, p. 07).

Legitimando a importância dos contos orais na constituição do imaginário infantil, tal qual seu papel fundamental e pedagógico para a propagação da cultura dos povos, pretendemos investigar algumas dessas manifestações narrativas e orais, sobretudo suas composições enquanto contos para criança.

Isto posto, o presente trabalho tem por objetivo analisar e comparar versões do conto *O sol e a lua* (1989), por se tratar de uma narrativa curta que explicaria a razão de os dois astros naturais ocuparem sempre momentos distintos, observando como essa história se constrói nas narrativas, identificando-se quais os recursos estilísticos que são utilizados para se configurarem como história para crianças, dando suporte ao seu desenvolvimento e na assimilação de mundo. Para tanto, utilizamos uma versão africana do conto, retirado do livro *Contes de l'Afrique Centrale* organizado pela *Agence de Coopération Culturalle et Technique* (principal organização intergovernamental da francofonia), e outra versão indígena brasileira da mesma história (RECANTO DAS LETRAS, 2018)

Para as nossas reflexões sobre a noção de oralização das literaturas africanas, baseamo-nos em Leite (2012), em Freitas (2010) e em Eulálio (2016); no que diz respeito ao diálogo entre culturas, encontramos em Jullien (2009), as bases que ancoram as nossas ponderações e ainda em Bauman (2012) e Hall (2006), identificamos o suporte necessário para se pensar as questões de cultura e identidade.

2. "MAIS CULTURA, MAIS VIDA"[1]

No contexto de sociedade, a construção de uma identidade se configura como algo essencial, tendo em vista que, a partir dela, tem-se essencialmente a formação individual de hábitos e costumes, que se tornam compatíveis com a vivência de comportamentos da comunidade em que o sujeito se insere. Buscando construir esse conceito de identidade, Bauman (2012) diferencia dois tipos: a identidade pessoal e a identidade social, em que, nas palavras do autor, "a identidade *pessoal* confere significado ao "eu". A identidade *social* garante esse significado e, além disso, permite que se fale de um "nós" em que o "eu", precário e inseguro, possa se abrigar, descansar em segurança e até se livrar de suas ansiedades" (BAUMAN, 2012, p. 46-47).

Percebe-se, pois, que a identidade social constitui a cultura de um povo, o que representa a transmissão histórico-social de comportamentos para a manutenção da configuração do grupo de indivíduos, representando a necessidade do sujeito ser reconhecido pelo que ele é e por pertencer a um grupo social.

Nesse processo de transmissão de heranças culturais, a tradição oral configura-se em um importante instrumento pedagógico. Para tornar-se objeto de estudo, contudo, "a oralidade tem de paradoxal o fato de que, [...] ela precisa passar por uma certa literarização" (FREITAS, 2010, p. 07), buscando abarcar as especificidades deste aspecto, que não é a oralização de uma literatura escrita, de acordo com Freitas (2010), alguns críticos criaram os termos "oratura" ou "oralitura".

A fim de observar o comportamento do oral nos níveis de literalização, Freitas (2010) esclarece que

> Oralidade e literatura são dois domínios culturais que dependem da expressão verbal e que se definem por um repertório de obras mais ou menos identificáveis produzidas dentro de um quadro institucional. Mas muitos pesquisadores mostraram que muitos traços as colocam em oposição: a oralidade "natural" depende de uma comunicação direta, "imediata", enquanto que a comunicação literária é indireta, mediatizada pelo

[1] Essa frase corresponde a um famoso ditado da cultura judia.

> objeto livro. Assim, o primeiro domínio, nessa forma natural, não conhece possibilidade de estocagem do repertório para além da memorização, ao contrário da literatura cujas produções podem ser materialmente estocadas (FREITAS, 2010, p.8).

A partir desse contexto, que remete o registro inicialmente somente à memória, possibilitando que quem transmite a história realce os fatos a seu modo, é importante que o leitor, ao ler um texto oriundo da tradição oral, amplie seu horizonte para a caracterização e a consideração da cultura do outro, da qual o texto é originário. Esse cenário que remete a conceituação de "oralitura", por mais que literatura oral continue também sendo utilizada, pois, de acordo com Eulálio (2016, p.52), "o texto oral reflete a cultura de um povo, cultura essa, na qual as pessoas apresentam o costume de memorizar poemas, contos, dentre outros textos e contá-los sem precisar ler ou escrever".

Dessa forma, as narrativas orais são usadas e transmitidas como modo de proteção da identidade social de um povo, o que inspira como fonte de valores culturais de comunidades diversas, cujas raízes locais também são preservadas, pois, nas sociedades africanas, por exemplo, como aponta Leite (2012):

> Cada literatura nacional africana tem as suas características próprias e desenvolve-se segundo moldes estéticos e linguísticos, cuja distintividade resulta não só das diferenças culturais étnicas de base, mas também das diferenças linguístico-culturais que a colonização lhes acrescentou. É praticamente insustentável qualquer generalização que conduza a elaborações teóricas que não levem em conta as especificidades regionais e nacionais africanas (LEITE, 2012, p.29)

Isso mostra que as condições locais são decisivas e representativas na elaboração das narrativas, tendo cada literatura nacional as suas especificidades regionais incorporadas e transmitidas por meio dos textos. Esse fato influencia até mesmo na organização linguística da narrativa, consideradas as contribuições do local mas também das marcas oriundas da colonização sofrida.

Numa perspectiva de mundo moderno, a construção identitária do sujeito é caracterizada pela travessia da diversidade de divisões sociais, que podem, contudo, se articular numa sociedade, tendo em vista que a estrutura de identidade é aberta para, assim, constituir-se historicamente (HALL, 2014). É esse movimento que possibilita a aproximação entre as tradições orais indígenas brasileiras e centro-africanas, de modo a construir diálogos entre as duas.

Para Eulálio (2016), a "intercessão de semelhanças e/ou diferenças presente nas identidades/culturas dos indivíduos pode promover o que se denomina interculturalidade, ou seja, a oportunidade de aproximar determinadas culturas" (EULÁLIO, 2016, p. 26). A

interculturalidade prega, justamente, o diálogo entre culturas distintas a fim de preservar a ideia de universalização cultural.

Neste trabalho, em movimento intercultural, acreditamos na aproximação dialogal de dois contos, já mencionados, representantes da oralitura de seus povos, compreendendo-os como força de preservação e transmissão cultural das crenças, costumes e valores oriundos daquelas respectivas comunidades, seja em movimento de assemelhação ou de distanciamento entre si, como elucidaremos nas seções posteriores.

3. OS CONTOS: *O Sol e a Lua* e *O Amor entre o Sol e Lua*

Os contos escolhidos para análise são duas narrativas orais que trazem como personagens os astros Sol e Lua e recontam a história do motivo de ambos nunca se encontrarem no céu (com exceção dos períodos de eclipse), sendo eles: *O Sol e a Lua*, de origem centro-africana, e *O Amor entre o Sol e Lua*, de tradição brasileira indígena. O primeiro faz parte do livro *Contes de l'Afrique Centrale* organizado pela *Agence de Coopération Culturalle et Technique*, o segundo está publicado no blog *Recanto das Letras*.

Em *O Sol e a Lua*, tem-se a representação de um contexto familiar, tendo o Sol ocupando o lugar do patriarca autoritário e a Lua, da boa esposa, que se limita aos afazeres domésticos. Seus filhos eram as estrelas e os galos que brigavam arduamente, embora os motivos fossem os mais banais, pois eram tão somente brigas entre crianças, os irmãos. Em um acesso de fúria, o Sol castiga seus filhos, enviando-os à Terra; a Lua, inconformada, condena a atitude do marido que, em revolta, expulsa a Lua da sua morada e o manda ir ficar com as estrelas. Dessa forma, sempre que o Sol aparece, os galos cantam da Terra para o seu pai; além disso, ensinam os homens a brigar e a Lua e as estrelas apenas podem surgir quando o Sol se põe.

Por sua vez, em *O Amor entre o Sol e Lua* é narrada uma história trágica de amor entre o Sol que encontra a Lua no céu e rapidamente se apaixonam, deixando todos, inclusive os homens e mulheres da Terra, encantados com o sentimento e entrega dos dois. Mas, ambos sabiam que não poderiam ficar juntos por ocuparem lugares e momentos distintos no céu, então acabam por se afastar um do outro, mas não antes de gerarem as estrelas como filhas, as quais a Lua cuidaria pelo resto da vida, por isso sempre acompanham sua mãe durante a noite e aparecem logo após o Sol se pôr, angustiado por apenas poder ver sua amada de longe.

As principais diferenças entre os contos são pautadas na tabela abaixo:

Tabela 1: Dados comparativos dos contos

CONTO	O Sol e a Lua (República Centro-Africana)	Amor entre o Sol e a Lua (Brasil)
PERSONAGENS	• Sol (Lolo) • Lua (Ipeu) • Estrelas • Galos	• Sol • Lua • Estrelas
PRINCIPAIS FATOS NARRADOS	A separação do Sol e da Lua, decorrente da posição do Sol de "dominador" e que não aturava importunações sobre questões domésticas, além de transmitir o motivo de os galos cantarem ao amanhecer.	História de amor entre o Sol e a Lua, iniciada entre os rápidos minutos de transição dos "turnos" entre o astro e o satélite, mas que acaba não podendo se tornar duradoura, deixando somente as estrelas como "registro" desse amor.
ASPECTO MORALIZANTE	( ) inexistente ( ) pouco demarcado (X) demarcado	( ) inexistente (X) pouco demarcado ( ) demarcado
REPRESENTAÇÃO DA SOCIEDADE	Família nuclear	Divisão de tarefas domésticas e laborais entre homem e mulher; Família nuclear.

Fonte: Elaborado pelos autores

É importante destacar que quando falamos "aspecto moralizante", nos referimos aos caracteres representativos do pensamento popular dos locais de origem dos contos. Em *O Sol e a Lua*, tem-se uma mensagem clara que diz para os filhos não brigarem uns com os outros ou serão castigados, logo, se configura como uma ação pedagogista que aponta o que é certo e o que é errado. Além disso, tem-se a visibilidade e propagação de pensamentos machistas, já que não apenas as crianças são castigadas, como também a Lua (enquanto esposa) por ter discordado do patriarca e de suas ordens não somente como pai, mas como homem. A narrativa, logo, é usada para transferir esses pensamentos e manter a unidade da moral legitimada nessas comunidades centro-africanas. O mesmo não acontece de maneira tão demarcada no exemplar brasileiro analisado, embora também aborde nuances da sociedade patriarcalista, já que é vista a obrigação de mãe (Lua) de ter que cuidar das filhas (estrelas) e

usa-se a simbologia da noite (único momento em que tais astros aparecem) para justificar essa tarefa.

Essa simbologia (Sol e Lua e suas relações) além de utilizar o elemento maravilhoso (muito próprio da literatura infantil) é também de fácil assimilação, já que se relaciona a um fenômeno natural habitual e bastante visual.

Na chave da linguagem, é possível notar que os usos linguísticos, desde as construções sintáticas simples (estruturalmente falando) e que equivalem a uma oralização pausada e ritmada, até os usos estilísticos de metáforas, simbologias, hipérboles e afins, são também característicos de uma composição voltada para o mundo infantil, vide os trechos destacados abaixo:

> *"Os galos e as estrelas não lhe deram ouvidos e continuaram a briga. Ela separou os brigões, que se davam ainda alguns tabefes. Ai! Ui!*
> *- Calem a boca! Parem de brigar!*
> *A briga enfim tinha acabado. Ufa!"* (O Sol e a Lua)

> *"Poucos minutos antes dele sumir totalmente, já com os olhinhos fechados de sono, ele vê aparecer no céu uma imagem arredonda, meio escura, quase parecendo uma bola negra, bem escura. O Sol ficou curioso, mas o sono era tanto que ele foi rápido para o seu descanso"* (Amor entre o Sol e a Lua)

Por possuírem esses aspectos demarcados no texto, que os configuram como uma história para criança situada numa proposta de assimilação de mundo (dos fatos e fenômenos naturais) de uma maneira prática, rápida, ficcional e pedagógica, esses textos conseguem manter uma ponte de afinidade, mesmo que pertençam a culturais e locais diferentes, tais quais os enredos de suas histórias, embora não os personagens e fenômenos naturais citados.

Com isso, tais narrativas aqui discutidas são representativas das histórias locais que remetem às identidades e culturas de seus povos, se estabelecendo como um meio oral e hereditário de se propagar e se manter no imaginário das comunidades, constituindo-se a oralitura.

CONCLUSÕES

Enquanto contos representativos de sociedades que possuem forte apego a oralidade, essas narrativas se tornam significativas para a assimilação das identidades culturais de seus povos, mantendo vivas, a partir da transmissão hereditária, as raízes sócio-históricas. Os contos *O Sol e a Lua*, centro-africano e *O Amor entre o Sol e a Lua*, indígena brasileiro, simbolizam a percepção acerca dos dois astros, o que assevera a assimilação da constituição

do mundo, bem como a resistência da cultura local dos espaços de origem e disseminação dessas narrativas.

O que se pretendeu com este trabalho, portanto, foi estabelecer um diálogo intercultural existente entre as narrativas, que permitisse observar as semelhanças entre as duas no imaginário criado em suas atmosferas culturais. Verificou-se, com isso, que a literatura de tradição oral africana muito se assemelha às nossas raízes de tradição literária, que possui fortes marcas indígenas, como assinala Câmara Cascudo (2014).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BAUMAN, Zygmunt. *Ensaios sobre o conceito de cultura*. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

CONTES DE L'AFRIQUE CENTRALE. *O sol e a lua*. In: PINHEIRO-MARIZ, J.; GONÇALVES, J. P.; ARAÚJO, L. B. (orgs.) A infância em suas múltiplas faces. Campina Grande: UFCG, 2016, p. 239.

EULÁLIO, Marcela de M. C. *Oralitura: literatura e cultura africanas em aula de língua portuguesa*. 2016. Dissertação. (Mestrado em Linguagem e Ensino). Universidade Federal de Campina Grande, 2016.

FREITAS, Neide. *Oralidade, literarização e oralização da literatura*. Belo Horizonte: FALE/ UFMG, 2010.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.

JULLIEN, François. *O diálogo entre as culturas do universal ao multiculturalismo*. trad. André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

LEITE, Ana Mafalda. *Oralidades e Escritas pós-coloniais: estudos sobre literaturas africanas*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012.

RECANTO DAS LETRAS. *Amor entre o Sol e a Lua*. Disponível em: <https://www.recantodasletras.com.br/contos/4294337>. Acesso em: 28/08/2018.